



**Prefeitura de
Fortaleza**

Secretaria Municipal
da Educação

**Coordenadoria
de Educação Infantil**



**ORIENTAÇÕES PARA O PROCESSO
DE TRANSIÇÃO DA CRIANÇA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**



**Prefeitura de
Fortaleza**
Secretaria Municipal
da Educação

**Coordenadoria
de Educação Infantil**



**ORIENTAÇÕES PARA O PROCESSO
DE TRANSIÇÃO DA CRIANÇA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

FICHA TÉCNICA

Prefeito Municipal de Fortaleza
Roberto Claudio Rodrigues Bezerra

Secretária Municipal da Educação
Antonia Dalila Saldanha de Freitas

Secretário Adjunto
Jefferson de Queiroz Maia

Secretário Executivo
Joaquim Aristides de Oliveira

Coordenadora da Educação Infantil
Simone Domingos Calandrine

Gerente da Célula de Formação e Acompanhamento
Izabel Maciel Monteiro Lima

Gerente da Célula de Apoio à Gestão
Maria Conceição Silva Cavalcante

Projeto Gráfico
Julio Pio

Fotografia
Alcides Freire Melo

Revisão
Maria Celça Ferreira dos Santos

**Equipe Técnica da
Coordenadoria de Educação Infantil**

Alcileide de Oliveira Souza
Aline Maria Gomes Lima
Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva
Ana Cristina Chaves Carvalho
Ana Lúcia Barroso Lima
Ana Maria Oliveira do Vale
Ana Paula dos Santos Alves Simões
Andréa Mota de Oliveira
Antonia de Maria Linhares Araújo
Cristina Alencar Nóbrega
Jisle Monteiro Bezerra Dantas
Joelma Maria Diógenes Saldanha
Lara Picanço Menezes Mesquita
Luiza Hermínia de Almeida Assis Brilhante
Maria Regiane Vidal Costa Simonetti Gomes
Paula Ferreira Freire
Raquel de Sousa Gomes Pessoa
Tatiane Albuquerque Delmiro Silveira
Valéria Maria Arraes de Alencar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F736o Fortaleza. Secretaria Municipal da Educação.
Orientações para o processo de transição da criança da Educação Infantil para o ensino fundamental / Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza. – Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2016.
64p. il.
ISBN: 978-85-62895-08-1

1. Educação infantil. 2. Ensino Fundamental. 3. Articulação. I. Título.

CDD 372

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO5

AS TRANSIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS COTIDIANAS QUE RESPEITAM O DIREITO À INFÂNCIA9

Izabel Maciel Monteiro Lima

Para começar a conversa 9

Mas, afinal, o que são as transições na educação infantil? 11

Podemos identificar essas ideias na nossa prática profissional? 11

Você, professor, se identifica com essa situação? 13

Expectativas em relação ao 1º ano do ensino fundamental 14

AS TRANSIÇÕES NA VIDA ESCOLAR: COMO PROMOVER O BEM-ESTAR E O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS? 19

Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva e Izabel Maciel Monteiro Lima

Transição de Casa para a Instituição Escolar:
a primeira vez da criança no ambiente escolar 19

Transição de uma turma para outra:
tudo novo de novo para todos! 25

Transição da Creche para a Pré-escola:
continuidade das práticas de cuidar e educar 28

Mudança de professor e outros profissionais da instituição:
a construção de novos vínculos 32

Educação Infantil e Ensino Fundamental:
aproximações necessárias 36

E o que significa educar e cuidar? 40

O QUE DIZEM OS COORDENADORES PEDAGÓGICOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE INTEGRAÇÃO VIVENCIADAS NA REDE? 44

Joelma Maria Diógenes Saldanha

EU TAMBÉM FAÇO PARTE DESSA HISTÓRIA: COMO AS FAMÍLIAS PODEM PARTICIPAR NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA CRIANÇA? 51

Paula Ferreira Freire

REFERÊNCIAS 57

APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal da Educação, por meio da Coordenadoria de Educação Infantil, apresenta as **Orientações para o Processo de Transição da Criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental**.

A elaboração deste documento foi impulsionada pela necessidade de ampliar os olhares sobre a compreensão das diversas situações de transição vivenciadas pelas crianças, suas famílias e profissionais em contextos da educação infantil da rede municipal de ensino de Fortaleza.

Seu objetivo centra-se no estímulo à realização de experiências educacionais significativas que garantam o direito da criança de vivenciar a infância na escola de educação infantil e ensino fundamental de forma plena. Nele estão contidas estratégias de articulação curricular que são realizadas no cotidiano das instituições com o intuito de possibilitar a integração de experiências entre família e escola, entre as turmas de educação infantil, entre estas e o ensino fundamental.

As experiências integradoras aqui socializadas legitimam o reconhecimento dos professores de que as crianças devem ser tratadas com a mesma seriedade, afeto e respeito às especificidades próprias da primeira infância, em qualquer espaço, seja na creche, na pré-escola ou no ensino fundamental.

Esperamos que este documento inspire diálogos e práticas pedagógicas que promovam ações favoráveis às transições no contexto escolar, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de forma integral.

Antonia Dalila Saldanha de Freitas
Secretária Municipal da Educação




**Prefeitura
Fortale**
Secretaria Municipal
da Educação

RELÓGIO

*As coisas são
As coisas vêm
As coisas vão*

*As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão*

Oswald de Andrade

AS TRANSIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS COTIDIANAS QUE RESPEITAM O DIREITO À INFÂNCIA

Izabel Maciel Monteiro Lima¹

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Brincando com os sons e os sentidos dos vocábulos, Andrade descreveu o movimento dos acontecimentos na vida com poucas palavras. O movimento cíclico da vida é semelhante ao exercício do relógio. Vida marcada pela constância das coisas e passar do tempo.

Como o título deste livreto anuncia, trataremos do tema transição escolar, compreendida como fenômeno da vida que acontece com determinada constância. A sua elaboração foi impulsionada pela nossa necessidade de ampliar os olhares sobre a compreensão das diversas situações de transição vivenciadas pelas crianças, suas famílias e profissionais em contextos da educação infantil da rede municipal de ensino de Fortaleza.

Assim, temos por objetivo o estímulo à realização de experiências educacionais integradoras que garantam o direito da criança de vivenciar a infância na escola de educação infantil e ensino fundamental de forma plena. Sabemos que ser criança não significa viver o mesmo tipo de infância, pois este é um tempo inicial da vida humana, influenciado pelos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos que marcam a pluralidade da infância. Por outro lado, existem características da infância que são comuns a todas as crianças, independente do contexto em que estejam inseridas, por exemplo: a vulnerabilidade e a brincadeira.

Outro objetivo deste livreto é apresentar estratégias de integração curricular e organizativa que já vêm sendo realizadas no cotidiano das instituições com esse intuito. Essas experiências integradoras partem do reconhecimento dos professores de que as crianças precisam ser tratadas com a mesma seriedade e afeto em qualquer espaço, seja na creche, na pré-escola ou no ensino fundamental.

1 Técnica da Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza/Coordenadoria da Educação Infantil. Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Atua na área de Formação de Professores da Educação Infantil.

Nessa perspectiva, trataremos aqui das experiências de transição vivenciadas no ingresso da criança na creche, caracterizada pelo primeiro contato dela com o espaço coletivo e formal de educação; na passagem dela da creche para a pré-escola e da pré-escola para o ensino fundamental. Também não podemos perder de vista os acontecimentos no decorrer do ano letivo, como a mudança de professores, coordenador, merendeira, assistente/auxiliar dentre outros profissionais, o que requer das crianças e de todos os envolvidos o estabelecimento de novos vínculos afetivos. Precisamos reconhecer e afirmar que não devemos fragmentar a vida escolar da criança em momentos estanques e sem sentido para elas.

Partindo da premissa de que o foco da ação pedagógica do professor é a criança, considerada centro do planejamento curricular, precisamos “entender para atender” (DANTAS, 2005) as necessidades delas por meio de práticas pedagógicas que possibilitem a escuta dos nossos pequenos e deem visibilidade as suas expectativas. Considerar a fala das crianças pode ajudar os professores a tomarem melhores decisões no direcionamento das práticas educativas em creches, pré-escolas e no ensino fundamental. De fato, ações que consideram as perspectivas das crianças têm maior chance de atender eficazmente as suas necessidades de crescimento, aprendizagem e desenvolvimento na escola, além de traduzir uma visão positiva sobre a criança, como ser capaz de contribuir com as decisões e formas de organização dos ambientes e tempos dos quais participa. O ato de escutar as crianças também demonstra atitude democrática, participativa de produção de saberes e conhecimentos, numa relação centrada nas interações do adulto com as crianças.

Pensar em transições a partir das reflexões aqui contidas significa um desafio quando somos implicados a pensar em práticas de articulação que produzam sentido para a criança na nova fase. Algumas ações já são desenvolvidas e pensadas na nossa rede de ensino voltadas à transição escolar da criança. Apenas precisamos ter maior clareza do assunto para agir de forma mais consciente, refletida e contínua.

MAS, AFINAL, O QUE SÃO AS TRANSIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

O que dizem alguns estudos

Considerando o significado da palavra, o termo transição porta um sentido próximo do seu correspondente em latim - *transition* - o *acto de passar* ou a passagem. Elas acontecem em todos os momentos da vida, não só no contexto escolar, sendo condição necessária para o desenvolvimento da criança, pois inaugura novas fases que a desafia a ampliar horizontes, a empreender novas habilidades e competências no percurso da vida (ZABALZA, 1998).

Por sua vez, Lerner (1996, apud Formosinho e Araújo, 2004, p.29) conceitua as transições focando nas potenciais consequências de um momento de transição, compreendido em duas dimensões antagônicas: **como um período contínuo do desenvolvimento de competências psicológicas e sociais**; ou como **um período que representa risco para o desenvolvimento, podendo ocorrer “diminuição da saúde física e/ou mental, de recursos psicológicos e de suporte social” da criança**. O autor considera os aspectos da transição que pouco colaboram para o desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos, o que não indicamos para a experiência escolar infantil. Nesse sentido, evidenciamos a importância dos diferentes tipos de recursos adaptativos, considerando a integralidade da criança (biológico, psicológico, sociocultural).

Os acontecimentos inesperados também são potenciais momentos de transição e podem resultar na mudança de percepção e comportamento do sujeito sobre a própria vida. Há uma dimensão perceptiva do sujeito nas transições, isto é, aquilo que para uns representa situação de descontinuidade, para outros representa constância. De modo que **“a transição não é tanto acerca da mudança, mas na percepção de mudança por parte do indivíduo”**. (LERNER, 1981, apud FORMOSINHO e ARAÚJO, 2004, p. 28).

PODEMOS IDENTIFICAR ESSAS IDEIAS NA NOSSA PRÁTICA PROFISSIONAL?

Com a palavra, as crianças!

Uma pesquisa realizada numa escola pública da nossa Rede (LIMA, 2013), sobre as experiências educacionais de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, escutou as crianças sobre as suas expectativas

em relação à transição delas para o Ensino Fundamental:

*Eles (personagens da história) vão crescer.
Vai mudar a farda, vai ficar mais grande!*

A perspectiva de crescimento físico das crianças expressa sua consciência acerca desse processo e das mudanças consequentes da transição, como a conquista de maior autonomia na concretização das ações da rotina de cuidado de si. Isso pode ser exemplificado no exposto por Valter², uma criança do Infantil V:

Tia, quando eles crescer, eles [os personagens da história] vão tomar banho, vestir a roupa sozinho. Eles não vão mais desenhar com lápis, só com caneta, não vão pintar!

Para que a criança que vivenciou alguma situação transitória na escola que implique mudanças em sua vida perceba sentido nas experiências futuras, é necessário que aconteça a continuidade de alguns elementos (hábitos, habilidades, atitudes, conceitos, fatos ou acontecimentos) presentes na fase anterior da sua vida escolar. Assim, no contexto escolar, a continuidade das e nas ações pode ser expressa por meio de articulações entre os momentos formativos (etapas educacionais), entre os agentes de formação (professores e demais profissionais da escola), entre estes e as crianças e entre as próprias crianças, de modo progressivo e coerente com sentidos unitário e global.

A interação dos atores envolvidos e a integração de fatos e concepções compartilhados nas práticas de educação e cuidado são fundamentais para que haja articulação entre as situações vivenciadas na escola, sempre numa perspectiva de continuidade da ampliação dos conhecimentos e construção de valores – currículo escolar.

Por exemplo, não é raro encontrar no nosso meio profissional a ideia de que a educação infantil é o espaço das interações, das emoções e das brincadeiras e o ensino fundamental é o lugar de aprendizagem e por isso não há tempo para se perder com brincadeiras.

Se procurarmos entender tal pensamento a partir da compreensão de

2 Os nomes das crianças aqui apresentados são fictícios para preservar as identidades.

que a brincadeira é uma das principais linguagens da criança, pela qual ela constrói seus saberes e fazeres, e que essa mesma criança fará parte do ensino fundamental com essas mesmas características, esta ideia deixa de ganhar sentido no campo educacional. Ao invés de fragmentar a aprendizagem da brincadeira, nós, professores, precisamos integrá-las às ações do ensino fundamental e, principalmente, garantir que elas aconteçam na educação infantil.

VOCÊ, PROFESSOR, SE IDENTIFICA COM ESSA SITUAÇÃO?

Algumas crianças se identificam, sim!

Veja abaixo o recorte das falas das crianças do Infantil V, de uma escola da nossa rede de ensino, sobre o que gostam de fazer no último ano da educação infantil (LIMA, 2013):

Danilo: Aprender ler e brincar.

Elano: Gosto de brincar de bila, gosto de brincar de boneca, jogar bola.

Vanessa: Aprender a ler!

Danilo: Aprender alguma coisa!

Elano: Tia, eu gosto de brincar de vídeo game.

Eu gosto! Eu gosto é de brincar de bola.

Keila: Estudar.

O desejo de aprender a ler e a escrever foi expresso pelas crianças, evidenciando que elas reconhecem a escola como espaço legítimo de crescimento e aprendizagem, de ampliação dos conhecimentos. Para elas, assim como o código escrito, a brincadeira também é considerada importante, tudo está integrado. Na mesma pesquisa, as famílias dessas crianças manifestaram “aprender a ler e a escrever” como a principal expectativa de aprendizagem a ser proporcionada pela escola, o que pode influenciar também a grande valorização dessa aprendizagem pelas crianças.

EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Com a palavra, as crianças...

A aprendizagem da leitura e da escrita foi citada como algo muito desejado que ocorresse também no 1º ano, chegando a ser expressa nas falas das crianças como o principal conhecimento a ser vivenciado no novo momento da sua trajetória escolar. Esta expectativa de aprendizagem representa um elemento de continuidade entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental na perspectiva das crianças. As DCNEI (BRASIL, 2009) apontam as experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos, como uma das experiências a serem oportunizadas no contexto escolar, de forma rica, diversificada e significativa para e com as crianças.

Todas as crianças, ao expressarem sua vontade de passar para o 1º ano, justificaram esse desejo com base nesse conhecimento a ser aprendido:

“Eu quero aprender a ler”; “Eu também quero, porque eu quero ler!”; “Porque ele (o personagem da história) quer aprender logo a escrever.”

Elas têm a expectativa de que, para isso acontecer, no próximo ano letivo precisarão:

“Estudar bastante” e realizar atividades “mais difíceis”: “Vai escrever, aprender a escrever”; “Tem que ler, tem que aprender a separar letra, formar sílaba, e até nome, palavra”; “Saber escrever a letra maiúscula e minúscula”.

As crianças também manifestaram o desejo de brincar, de possuir brinquedos, de fazer amizades, de estar perto dos amigos prediletos. O trecho a seguir ilustra bem essa ideia:

Elano - [...] carro.

Keila - Boneca.

Danilo - Eu quero que tenha 13 crianças. Muitos coleguinhas!

Keila - Tá brincando com minha amiga. É a Maria Eduarda.

Valter - Tinha uma coisa que eu gostaria que tivesse na escola: que eu brincasse sozinho, sem ninguém me atrapalhar! Eu gostaria que tivesse uma pista de carro, que tivesse uma bolinha que puxa.

Jonas - Eu queria que tivesse uma motinha de brinquedo!!

Paulo - Quando a gente fizer nove anos, não vai poder pintar mais não, só brincar de bola. Meu amigo tem 12 anos e ainda brinca”.

Na perspectiva dessas crianças, a brincadeira se constitui como elemento articulador da Educação Infantil com o Ensino Fundamental, pois existe a expectativa de continuarem brincando no Ensino Fundamental.

Nós, professores, precisamos ficar atentos aos tempos destinados à brincadeira, organizando espaços e materiais, para que elas sejam privilegiadas na rotina da instituição. Quando esse tempo é ofuscado, muitas vezes as brincadeiras acontecem na transição de atividades, quando a professora está organizando a próxima atividade e finalizando alguns detalhes da anterior, guardando ou distribuindo material.

A brincadeira, bem como o direito de aprender a ler e a escrever, se constitui direito da criança, direito de viver a infância na escola. Daí a necessidade de garantir experiências lúdicas mais diversas na escola, pois as crianças não deixam de ser crianças por estarem no Ensino Fundamental. Acreditamos no importante papel da Educação Infantil no processo de alfabetização da criança que se prolongará no Ensino Fundamental.

Na sua escola, creche ou centro de educação infantil, você percebe alguma semelhança com a situação acima? Então vamos repensar: quais os tempos destinados à brincadeira nos diversos espaços da escola? Organiza materiais para que esses tempos ocorram? Como as práticas de alfabetização e letramento são propostas pelos professores?

Dica: Nas Orientações para as Práticas Pedagógicas de Oralidade, Leitura e Escrita na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (FORTALEZA, 2016), você encontrará muitas sugestões de como desenvolver práticas de letramento considerando as especificidades do desenvolvimento e aprendizagem das crianças por ano.



O A
O P
FÉ
PAZ

MUNICÍPIO
Prefeitura de
Fortaleza

AS TRANSIÇÕES NA VIDA ESCOLAR: COMO PROMOVER O BEM-ESTAR E O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS?

Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva³
Izabel Maciel Monteiro Lima

As transições sempre acontecem na vida das pessoas, e no contexto da educação infantil não é diferente, mas a forma como acontecem, como são pensadas, planejadas e organizadas são consideradas fundamentais para que as crianças se sintam seguras e acolhidas nas mudanças que irão surgir em diferentes momentos e situações durante essa etapa.

Destacaremos as principais transições que passam as crianças, suas famílias, professores e outros profissionais envolvidos nessas interações cotidianas nas instituições de educação infantil do nosso município. Lembramos que as transições pelas quais passam as crianças ao longo da educação infantil irão colaborar nas transições que terão de passar na vida fora do contexto escolar. Assim, o respeito às crianças, como sujeitos de direitos, como pessoas competentes, potentes, ativas, em formação, que aprendem e se desenvolvem de forma integral, a partir das interações que estabelecemos com elas, são aspectos que devem ser lembrados no trabalho referente às transições no contexto escolar.

TRANSIÇÃO DE CASA PARA A INSTITUIÇÃO ESCOLAR: *a primeira vez da criança no ambiente escolar.*

O começo da vida escolar das crianças, e de suas famílias, é considerado um período de extrema adaptação e sensibilidade desses sujeitos e das instituições, que devem planejar estratégias e ações de acolhimento e bem-estar. A criança, ao ser inserida em uma instituição escolar pela primeira vez, deve ser compreendida em todas as suas reações e comportamentos como: tristeza, alegria, isolamento, choro, sorrisos e outros.

Consideramos a adaptação como o processo pelo qual os sujeitos, especialmente as crianças, passam nos primeiros dias que começam a

3 Técnica da Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza/Coordenadoria de Educação Infantil. Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Pedagoga pela Universidade Federal do Ceará.

frequentar o espaço escolar. Adaptação, na nossa compreensão, não é a apenas o esforço do sujeito de conviver no ambiente escolar, como o próprio termo sugere, mas a capacidade que a instituição e os profissionais têm de acolher e também de se adaptar às diferenças, às características e às necessidades das crianças e famílias, que iniciam um novo momento de suas vidas.

Para a criança esse será um momento de inserção⁴ em um espaço de socialização diferente do principal espaço que estava acostumada a viver e conviver: a sua casa. Se antes, o bebê ou a criança vivia no ambiente de casa, em que já conhecia os espaços, objetos e pessoas, ao frequentar pela primeira vez a creche ou escola, a criança terá de conviver com outras crianças e adultos pouco familiares, em um espaço físico com rotinas distintas das que tinham.

Tantas novidades podem causar sentimentos de curiosidade, ansiedade, desconforto, medo. Assim, cabe aos profissionais da instituição, em especial os professores dessas crianças novas na vida escolar, organizar experiências que envolvam a família e as crianças, dando-lhes segurança em permanecer no ambiente escolar, conhecendo aos poucos o trabalho realizado.

A parceria com as famílias durante toda a educação infantil, e em especial nesse primeiro momento da vida escolar, é preciosa, pois quando a instituição possibilita que as crianças passem por esse período tão delicado e importante na “companhia de um familiar ou de uma pessoa conhecida e querida” (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2011, p. 51) pode se tornar mais atraente e animadora para todas as crianças, em especial para as que têm entre um e três anos de idade, assim como para as que apresentam maior dificuldade de inserir-se nesse contexto novo de vida coletiva.

Cabe lembrar aos profissionais responsáveis pelas ações de cuidar e educar que as formas de receber as crianças e suas famílias devem ser planejadas com antecedência à chegada delas, e que a escuta e o olhar atento às necessidades e interesses desses sujeitos após sua chegada à instituição é o melhor caminho para esse período de inserção na educação infantil.

4 O termo inserção foi utilizado pelas autoras italianas Bondioli e Mantovani (1998) e refere-se ao período em que a criança inicia sua vida escolar, com um olhar ampliado para as interações entre os educadores, famílias e crianças.



CENAS DO COTIDIANO... POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Quem nunca presenciou os pais, nos primeiros dias de inserção de seus filhos, escondidos pela creche/escola por estarem angustiados e inseguros em separarem-se de suas crianças? É interessante e necessário que a gestão, em parceria com os professores, pense em espaços dentro da instituição que acolham essas famílias, para que se sintam seguras, confiantes e tranquilas, observando e participando da rotina da turma das crianças. Um ambiente com textos informativos sobre esse período de inserção das crianças, sobre o desenvolvimento infantil para que os familiares possam se informar sobre esse período. Além disso, é importante que o professor fique atento aos pais que tem maior dificuldade de se separarem dos filhos, escutando-os e explicando esse processo.

TRANSIÇÃO DE UMA TURMA PARA OUTRA: tudo novo de novo para todos!

Mesmo a criança já sendo inserida no contexto da educação infantil, todos os anos acontecem mudanças significativas: nova sala de atividades, nova professora, novos colegas e às vezes até nova instituição. O início do ano letivo é considerado nessa etapa um período de ações de acolhimento dos profissionais que atuam com as crianças e de adaptação das crianças e de suas famílias na nova turma.

Essa adaptação se dá de forma mais lenta ou rápida de acordo com cada criança e família, mas também a partir de como as instituições e seus professores organizam as atividades, os espaços, os materiais e as interações para esse período. Lembramos, ainda, que esse é um momento de adaptação também para os professores, que recebem novas crianças, novas famílias e novas histórias de vida desses sujeitos.

Sendo assim, esses três protagonistas, criança-família-professor, no início das atividades escolares passam por um processo delicado de integração. Porém, desses três atores, o único que tem que ter intencionalidade pedagógica é o professor que, em parceria com seus outros colegas professores e com a gestão escolar, devem possibilitar: flexibilidade na rotina das crianças, que envolvem sono, alimentação; presença das famílias durante os primeiros dias, de acordo com a necessidade das crianças, que transmite segurança e as ajuda a explorar e conhecer a nova turma/o novo ambiente. (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2011, p. 51)

CENAS DO COTIDIANO... POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Nos primeiros dias do ano letivo, algumas crianças, ao passarem do Infantil II para o Infantil III, se negavam a ir para a nova sala de atividades e para a nova professora. Choravam, abraçavam a professora do ano anterior e não queriam soltá-la mais. Deixar o convívio com uma pessoa querida é difícil para nós adultos, imaginem para as crianças! Assim, se faz crucial a sensibilidade da nova professora em compreender essas atitudes das crianças e da professora anterior de acolher o desejo das crianças e das famílias em permanecer com ela. Seria interessante, também, nesse início, realizar atividades que integrem as duas professoras e suas turmas, para que aos poucos as crianças comecem a ter como referência de adulto a nova professora.



Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal
de Esportes



TRANSIÇÃO DA CRECHE PARA A PRÉ-ESCOLA: *continuidade das práticas de cuidar e educar.*

Outro momento de transição para as crianças e suas famílias, que deve ser considerado no currículo da instituição que atende educação infantil, é quando a criança se despede da creche para entrar nas turmas de pré-escola. Apesar de todas essas turmas fazerem parte da mesma etapa, muitas vezes existe uma mudança de rotina, pois antes a criança que estava na creche passava a maior parte de seu dia nesse contexto, cerca de dez horas. Além disso, a criança em idade de creche (0 a 3 anos) apresenta maior dependência em relação à família, pela própria fase do desenvolvimento e sua vulnerabilidade, sendo necessária presença maior desta na instituição.

Ao entrar nas turmas de Infantil IV, início da chamada pré-escola, em nosso município, um grande grupo de crianças passa a frequentar o espaço da escola, o que requer nova adaptação ao espaço físico, às rotinas, às pessoas, às interações delas e de suas famílias.

Assim, é preciso que o professor do último ano da criança na creche (Infantil III), juntamente com os outros profissionais que atuam diretamente com a criança, escutem as expectativas e curiosidades das crianças sobre o novo ambiente, e, se possível, possibilitem a elas conhecerem o espaço e as pessoas que irão fazer parte da rotina delas no ano seguinte. Ao professor que irá receber as crianças oriundas das turmas de creche, também cabe a escuta atenta, o olhar respeitoso às manifestações corporais e orais das crianças, assim como compreender que “vir a frequentar um novo ambiente, provoca entusiasmo pela novidade, como também certa preocupação, ansiedade ou medo.” (SILVA, 2011, p. 62).

Respeitar a história anterior da criança na instituição que estava vivendo cotidianamente com seus colegas, escutar o que gostava de fazer, preocupar-se com os questionamentos das famílias sobre as diferenças do espaço e da rotina, dar continuidade a experiências ricas que possibilitem sempre as interações e as brincadeiras, conhecer as necessidades, interesses e especificidades das crianças de quatro e cinco anos e, principalmente, realizar ações pedagógicas que proporcionem o bem-estar das crianças, são reflexões válidas para essa “delicadíssima tarefa” (BONDIOLI e MANTOVANI, 1998) que é receber as crianças em transição da creche para a pré-escola.

CENAS DO COTIDIANO... POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Uma criança, ao iniciar o ano letivo na turma do Infantil IV, diz à professora que quer dormir. A professora que tinha pensado em várias atividades interessantes para realizar com a turma, avisa que não é possível dormir, que dormir é só para os bebês da creche. É preciso compreender que essa criança, até pouco tempo, participava de uma rotina escolar de tempo integral, marcada pelo longo tempo diário de permanência delas na creche e pela garantia do espaço/tempo para o soninho, e pensar em como atender essa necessidade orgânica dos pequenos na nova turma de pré-escola de tempo parcial. Ter a sensibilidade de organizar momentos, espaços mais individualizados e reservados com colchonetes e materiais para relaxamento na pré-escola para atender às necessidades das crianças quando se expressarem é imprescindível nessa transição da creche para a pré-escola. Essas ações são atitudes éticas que colocam a criança como centro do planejamento curricular. O diálogo com a família é fundamental sobre o que foi expresso pela criança na nova rotina na instituição como forma de conhecer seus hábitos em contexto familiar - rotina em casa.




**Prefeitura
Fortaleza**
Secretaria
da Educação




**Prefeitura de
Fortaleza**
Secretaria Municipal
da Educação


**Prefeitura de
Fortaleza**
Secretaria Municipal
da Educação


**ura de
aleza**
Municipal
da Educação

MUDANÇA DE PROFESSOR E OUTROS PROFISSIONAIS DA INSTITUIÇÃO: *a construção de novos vínculos*

Outro momento de transição para as crianças que se configura uma adaptação no âmbito das interações e das relações afetivas é quando o professor ou outro profissional que atua cotidianamente com elas, por algum motivo do mundo adulto, deixa a instituição. A criança se desenvolve pela interação com o outro, pelo apoio do outro, assim, deparar-se com a falta de alguém querido no contexto escolar causa, no mínimo, desconforto.

É necessário que o grupo gestor da instituição organize um momento de despedida dos professores e outros profissionais com as crianças, numa conversa sincera para que elas possam acolher os novos profissionais que atuarão com elas e compreender os fatos que acontecem na vida.

Da mesma forma, os professores e outros profissionais que chegam à instituição devem se apresentar às crianças, conversar sobre sua história, escutar as crianças sobre as suas e também interagir com as famílias. Essa é uma transição que requer atenção e sensibilidade dos profissionais que atuam na educação infantil.

CENAS DO COTIDIANO... POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Uma professora do Infantil IV, certa vez, relatou o diálogo de dois meninos (Pedro e João) que conversavam sobre o porteiro da escola que havia deixado de trabalhar a pouco tempo na instituição. Pedro perguntou: - Cadê o porteiro, João? João respondeu: Ele morreu! Pedro disse: Ai foi? Coitadinho! A professora, sensível e atenta à situação, interveio. Fez uma roda de conversa com as crianças e iniciou perguntando se sabiam o que tinha acontecido com o porteiro. As crianças criaram várias hipóteses: que estava doente, que tinha sumido, que estava cuidando do cachorro, que tinha morrido. A professora, após ouvir as falas das crianças, explicou que ele estava trabalhando em outro lugar. Assim, como já explicitado, é essencial ter o cuidado de conversar com as crianças sobre a saída e a chegada de novos profissionais que irão atuar e conviver com elas diariamente. As crianças, assim como os adultos, precisam ser informadas sobre esses acontecimentos de forma atenta e delicada, respeitadas como sujeitos ativos e competentes. Também é interessante ouvir os sentimentos das crianças em relação a essas mudanças e pensar em atividades que as ajudem a expressá-los e organizá-los de forma positiva.




**Prefeitura de
Fortaleza**
Secretaria Municipal
da Educação



EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL: aproximações necessárias

O reconhecimento da importância de articulação curricular entre educação infantil e ensino fundamental é consenso entre educadores e não se constitui tema novo do campo educacional, embora a legislação educacional que trata desse assunto seja inaugural com o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais.

Vale ressaltar que as reflexões e as discussões traçadas sobre “*O quê e para quê articular?*” ganharam destaque a partir das mudanças de reestruturação da educação básica no cenário nacional, tais como: a ampliação do ensino fundamental para 9 anos com o ingresso obrigatório da criança aos 6 anos – que antes era atendida na educação infantil; a obrigatoriedade da educação pré-escolar a partir dos 4 anos.

Essas mudanças nos sistemas de educação têm implicação não só administrativa, mas pedagógica, na explicitação do respeito à infância no ingresso da criança no ensino fundamental:

[...] o 1º ano dessa etapa de ensino deve ser um período privilegiado para o trabalho com as diferentes dimensões do desenvolvimento humano, tendo como referência a infância; deve ser uma ampliação do trabalho desenvolvido na educação infantil e não uma repetição desse trabalho (BRASIL, 2006, p. 9).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (Resolução 07/2010, CNE/CEB), torna imperativa a articulação de todas as etapas da educação, tendo em vista assegurar às crianças um percurso contínuo de aprendizagens. Dentre as medidas para articular a educação infantil com as séries iniciais do ensino fundamental, estão: a recuperação do caráter lúdico da ação pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental e o reconhecimento das aprendizagens conquistadas pela criança antes de ingressarem no ensino fundamental (Art. 29).

Concomitante com os aspectos que integram a educação infantil ao ensino fundamental, neste mesmo documento há o estabelecimento das prioridades de aprendizagens curriculares nos três primeiros anos do ensino fundamental, dentre elas a alfabetização das crianças. O entendimento do que é específico e comum às etapas marca a identidade de cada uma.

A identidade da educação infantil é definida pela integralidade do desenvolvimento da criança, pelas interações e brincadeiras - eixos norteadores da prática pedagógica e propulsoras do desenvolvimento infantil -, pelas múltiplas linguagens da criança, pelas indissociabilidade

do educar e cuidar, pelas práticas de letramento – uso social do código escrito, entre outras. Nesse sentido, buscamos práticas que respeitem os direitos de aprendizagem das crianças, sem antecipação de expectativas de aprendizagem, de conteúdos e práticas específicos do ensino fundamental, pois, como já sabemos, se a educação infantil garantir as aprendizagens necessárias nesta fase e no ensino fundamental elas forem consideradas enquanto conhecimentos construídos, as crianças terão muito mais chances de encontrar sentido em sua trajetória escolar.

Com a mesma perspectiva de articulação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (Resolução 04/2010, CNE/CEB - Art. 6º) consideram as dimensões da prática pedagógica da educação infantil “educar e cuidar” em sua inseparabilidade, como extensivas a todo o ensino fundamental e médio, ou seja, representam a continuidade dessas dimensões ao longo da trajetória escolar das crianças como elementos de uma educação humanizada.

Dica: A Proposta Curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (FORTALEZA, 2016) é um documento norteador que trata das concepções, dos direitos de aprendizagem, das ações didáticas a partir dos campos de experiências estabelecidos na Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016), que precisam ser apropriados e considerados por todos que fazem parte da educação infantil de nossa rede.





E O QUE SIGNIFICA EDUCAR E CUIDAR?

Considerando que esse binômio integra também a identidade da educação infantil juntamente com o desenvolvimento integral da criança, entendemos que:

O ato de cuidar ultrapassa processos ligados à proteção e ao atendimento das necessidades físicas de alimentação, repouso, higiene, conforto e prevenção da dor. Cuidar exige colocar-se em escuta às necessidades, aos desejos e inquietações, supõe encorajar e conter ações no coletivo, apoiar as crianças em seus devaneios e desafios, requer interpretação do sentido singular de suas conquistas no grupo, implica também aceitar a lógica da criança em suas opções e tentativas de explorar movimentos no mundo. (BRASIL, 2009, p. 68)

A continuidade dos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança nos seus diferentes momentos de transição (casa/instituição, no interior da instituição, creche/pré-escola e pré-escola/ensino fundamental) é tratada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução 05/2009, CNE/CEB), devendo preservar a indissociabilidade das ações de cuidar e educar.

Percebemos que em termos legais há avanços sem precedentes na história da educação brasileira, orientando sobre aspectos até então pouco discutidos, como a articulação entre etapas da educação básica. Percebemos também que ainda temos uma longa caminhada para consolidar o entendimento aqui exposto na nossa cultura escolar enquanto prática docente.

CENAS DO COTIDIANO... POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

Numa turma de Infantil V existe uma atividade diária de cópia na agenda, do que será realizado na rotina das crianças. Nesse momento as crianças localizam a data (dia e mês) na agenda para iniciarem a cópia do que está escrito na lousa pela professora: acolhida, roda de conversa, matemática, lanche, recreio e leitura de história. As crianças demonstram resistência em realizar a atividade de cópia dizendo: "Tia eu não sei..."; "Tia, eu tô cansado!"; "A agenda tá grande!". A professora reage dizendo que "todos são capazes de copiar" e que isso é uma atividade que terão de "aprender para passar para o 1º ano" do ensino fundamental. A partir dessa cena, precisamos pensar sobre alguns aspectos: nessa atividade a criança está pensando sobre a linguagem escrita ou apenas reproduzindo algo que ainda não foi vivenciado por elas?



A cópia de agenda, diariamente, faz algum sentido para as crianças da educação infantil e do ensino fundamental? Os eixos norteadores, interações e brincadeiras, estão sendo considerados nessa atividade? Que outras possibilidades de experiências com a linguagem escrita poderiam ser vivenciadas pelas crianças, considerando os usos sociais dessa linguagem? Como a agenda poderia ser utilizada de forma interessante, funcional e atrativa com as crianças? Essa atividade está atenta ao desenvolvimento e ao bem-estar das crianças? Como pensar em atividades que envolvam a linguagem verbal, respeitando as especificidades de cada etapa, sem o objetivo de preparar as crianças para a etapa seguinte com práticas pedagógicas de prontidão?

A seguir trataremos das perspectivas dos coordenadores pedagógicos e professores sobre esse tema. Vamos adiante!





O QUE DIZEM OS COORDENADORES PEDAGÓGICOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE INTEGRAÇÃO VIVENCIADAS NA REDE?

Joelma Maria Diógenes Saldanha¹

A Secretaria Municipal da Educação (SME), por meio de ação conjunta da Coordenadoria de Educação Infantil e da Coordenadoria de Ensino Fundamental, motivada pelo interesse em saber quais as concepções dos coordenadores pedagógicos sobre o processo de transição da criança da educação infantil para o ensino fundamental e quais as práticas pedagógicas de integração envolvidas nesse processo com o mesmo intuito, realizou consulta a aproximadamente 121 coordenadores por meio de instrumental específico.

Vale destacar que esses coordenadores pedagógicos atuam em realidades distintas, por exemplo: em creches conveniadas que possuem turmas de Infantil I ao III, ou em Centros de Educação Infantil (CEI), que normalmente atendem crianças das turmas de Infantil I ao V (creche e pré-escola) e ainda em escolas municipais que comumente agregam turmas de pré-escola (Infantil IV e V) com turmas do ensino fundamental. Assim, temos, em nossa rede, coordenadores pedagógicos somente da educação infantil, como também coordenadores que atuam na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

Considerando esses diferentes contextos, a interpretação das informações coletadas indica as convicções acerca do período de transição da educação infantil para o ensino fundamental, bem como sugere a possibilidade de realização das ações que favoreçam a articulação entre as duas etapas da educação.

1 Técnica da Secretaria Municipal da Educação Infantil/Coordenadoria de Educação Infantil. Especialista em Gestão da Educação Básica pela Universidade Federal do Ceará. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará.

Inicialmente, os coordenadores reconhecem a existência desse período de transição, devendo acompanhá-lo, em parceria com os professores. Apesar do entendimento de que esse acompanhamento ao professor se constitui sua principal função, eles relataram ter dificuldade em propor ações mediadoras da transição escolar, junto ao professor, devido às outras atribuições diárias na instituição.

Há também o reconhecimento de que as crianças podem apresentar reações comportamentais no período de transição para o ensino fundamental, e que precisam ser cuidadas e acompanhadas em suas reações para que essa fase possa ser vivenciada com segurança.

A maioria dos coordenadores indicou que propõe ações de integração da educação infantil com o ensino fundamental junto às professoras com foco na transição escolar vivenciada pela criança e consideram que estas possuem resultados relevantes para um processo de transição tranquilo e seguro.

Mediante as informações coletadas pela consulta aos coordenadores pedagógicos, a SME propôs a continuidade do trabalho com o tema “Transição Escolar” no último Encontro Pedagógico de 2016. Na ocasião, as escolas planejaram estratégias pedagógicas que favorecessem a transição da criança da creche para a pré-escola e da pré-escola para o 1º ano do ensino fundamental. Confira a seguir as principais estratégias de articulação/integração indicadas pelos coordenadores e professores a partir desse Encontro.

ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO CURRICULAR DA CRECHE COM A PRÉ-ESCOLA

1. Estabelecer parceria entre família e instituição;
2. Promover encontros entre pais e professores da pré-escola com o intuito de conhecer a nova rotina escolar, os anseios e dúvidas, de ambas as partes;
3. Convidar os pais para manterem-se nas salas das crianças com dificuldade de adaptação para acompanhar e, em alguns casos, permanecer com elas, para que, gradativamente, sintam-se seguras em sala, mantendo horário flexível a partir da necessidade de cada criança;
4. Conversar e/ou entrevistar previamente os pais/responsáveis para conhecer a criança, o processo de inserção dela na escola e o período de transição;
5. Convidar os pais e as crianças para conhecerem todos os espaços da

instituição, na ocasião poderá ser realizado atividades como brincadeiras e dinâmicas com pais e filhos;

6. Realizar ao longo do ano letivo eventos com a participação da Escola, CEI e Creche: contação de histórias, brincar no parque, na quadra, na brinquedoteca, hora do filme, lanche coletivo, circuito recreativo, teatro, entre outros;
7. Preparar o ambiente da escola que irá receber as crianças com cantinhos na sala: da leitura, da brincadeira, do faz-de-conta (baú da fantasia), dos jogos;
8. Promover rodas de conversa entre as crianças da Escola, CEI e Creche elencando questões como: O que fazem? O que mais gostam na sala de atividades? O que não gostam? Por quais atividades mais se interessam? O que gostariam de fazer no próximo ano?;
9. Promover visitas das crianças aos espaços da escola, combinar de serem recebidas pela professora, coordenadora e diretora. As professoras poderão planejar um momento para receber as crianças da creche que serão atendidas no ano subsequente. Um momento de acolhida em que o núcleo gestor e futura professora se apresentem e convidem também as crianças a fazerem o mesmo;
10. Conversar com os pais sobre os hábitos como dormir à tarde, dormir após almoço, se a criança ainda é amamentada, se usa fraldas, entre outros, para que juntamente com a Escola seja realizado o trabalho de inserção de alimentos mais sólidos, desmame e hábito do repouso;
11. Apresentar o material e a rotina da pré-escola aos pais;
12. Respeitar a criança que necessita trazer de casa algum objeto de transição (pano, chupeta, brinquedo) que lhe ajuda a sentir-se segura e tranquila no novo ambiente;
13. Realizar atividades coletivas (como banho de bica, cineminha, contação de história etc.) entre crianças do próprio CEI, bem como da instituição que irá recebê-las;
14. Elaborar de forma coletiva um álbum com os melhores momentos vividos pelas crianças, famílias e professores/outras profissionais na creche ou escola. A partir desse material, promover roda de conversas sobre o que foi vivido e o que poderão viver nas outras turmas;
15. Programar eventos de despedida das crianças com os profissionais da instituição que favoreçam a compreensão do momento que estão vivendo atribuindo-lhes significados.

ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Realizar acolhida coletiva com as crianças do infantil V e com as crianças do 1º ano;
2. Oportunizar um momento da turma do infantil V com a professora do 1º ano para atividades de integração;
3. Convidar as crianças do Infantil V para assistirem a uma dramatização com as crianças do 1º ano, bem como desenvolver outras atividades, como piquenique;
4. Apresentar o material para os pais e as rotinas do 1º ano;
5. Apresentar os livros e o material do 1º ano para que as crianças possam manuseá-los;
6. Entregar às crianças do Infantil V desenhos e bilhetinhos de boas vindas produzidos pelas crianças do 1º ano;
7. Socializar com as professoras do 1º ano os relatórios e fichas do Infantil V para conhecer a aprendizagem e desenvolvimento de cada criança;
8. Fazer visita à sala de aula da escola que irá frequentar e vivenciar alguma atividade;
9. Realizar uma roda de conversa durante os meses de novembro e dezembro com as crianças do 1º ano junto com as do Infantil V para saber como acontecem as rotinas de ambas as turmas, o que mais gostam de fazer, o que aprendem, do que brincam. Escutar o que cada uma tem a dizer sobre suas expectativas, seus sentimentos e sobre o que imaginam como será quando estiverem no 1º ano;
10. Vivenciar uma rotina da primeira semana semelhante à série anterior;
11. Proporcionar encontros entre as professoras do 1º ano e do Infantil V, para que conheçam as especificidades de cada etapa, como forma de sensibilizá-las para a recepção das crianças;
12. Oportunizar as crianças do Infantil V conhecerem a rotina, bem como o

- material pedagógico do 1º ano, de forma a instigar sua curiosidade;
13. Promover estudos com as professoras do 1º ano para refletirem sobre as necessidades e interesses das crianças, possibilitando as interações e brincadeiras como eixos norteadores das práticas;
 14. Promover experiências integradoras entre Infantil V e 1º ano, como contação de histórias, construção de brinquedos, momentos juntos de parque, cinema, passeios, socialização de projetos de culminância coletiva pelas crianças do 1º ano, dentre outras;
 15. Proporcionar passeios com as crianças pela escola para facilitar o reconhecimento de espaços físicos, incluindo salas, quadra e banheiros;
 16. Organizar o momento do lanche no refeitório do ensino fundamental, com as crianças da educação infantil e suas respectivas professoras;
 17. Conhecer as rotinas e as práticas pedagógicas dos professores de ambos os níveis, identificando as especificidades/particularidades de cada um, bem como a importância da continuidade do processo;
 18. Oportunizar encontros entre os professores dos níveis no decorrer do segundo semestre, no sentido de conhecer o perfil cognitivo e socioafetivo das turmas. Momentos de diálogos (de perfis, preferências, fragilidades, demandas, projetos realizados etc.);
 19. Conhecer o instrumental de Acompanhamento Processual da Escrita do Nome Próprio (realizado no Infantil V), bem como o Diagnóstico de Escrita (teste das 4 palavras), realizado logo no início do ingresso no 1º ano do ensino fundamental, as avaliações e encaminhamentos pedagógicos deles decorrentes;
 20. Planejar ações/atividades de adaptação e integração ao novo nível, tanto na “saída” quanto na “chegada”, quer dizer, pelos professores do Infantil V e do 1º ano do ensino fundamental em um tempo comum, convergente.



EU TAMBÉM FAÇO PARTE DESSA HISTÓRIA: COMO AS FAMÍLIAS PODEM PARTICIPAR NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA CRIANÇA?

Paula Ferreira Freire¹

*O real não está nem na saída nem na chegada;
ele se dispõe pra gente é no meio da travessia.*

(GUIMARÃES ROSA)

Tal como nos aponta o poeta, compreendemos o real durante a travessia de nosso caminhar, que nos é único. Desse modo, as transições vividas pela criança em seu percurso escolar compõem a sua travessia ao mesmo tempo que lhes oportuniza encantamentos e desafios na compreensão de cada (nova!) realidade vivida.

Como bem sabemos, a educação infantil constitui a primeira etapa da educação básica, que se conclui aos 5 anos e 11 meses completos. Tempo rico em desenvolvimento, aprendizagens e descobertas, no qual a criança vivencia muitas experiências significativas que integram o currículo em suas dimensões cognitiva, psicomotora, socioafetiva e cultural. Segundo as orientações das DCNEIs (2010), no contexto educativo e escolar a criança pequena é considerada sujeito de seu desenvolvimento, protagonista em seu processo de ensino e aprendizagem, que reelabora e constrói conhecimento qualitativa e continuamente, mediante interações e brincadeiras, imbuídas de múltiplas linguagens, sentido e afetividade.

Cada etapa possui, assim, uma dinâmica específica e traz novos desafios que serão também estruturantes e constitutivos de todo o desenvolvimento infantil. É natural que nesse fluxo, períodos de transição se delineiem, a fim de acomodar e generalizar conquistas, bem como identificar e desenvolver recursos internos para, gradativa e progressivamente, avançar e apreender as novas aprendizagens. Nesse interim, criança, família e professores entrelaçam ações, esforços e sentimentos para a uma vivência segura e tranquila em tais processos.

1 Psicóloga, Mestra em Educação/Concentração em Formação de Professores pela Universidade Estadual do Ceará. Docente do Ensino Superior. Formadora de Professores e tutora EaD da Universidade Aberta do Brasil/UFC

A família, por sua vez, como importante grupo social onde as crianças estão inseridas desde muito cedo, é responsável pela transmissão de valores, crenças e significados presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000), em um dado tempo histórico. Assim, o ambiente familiar também possibilita aprendizagens diversas às crianças, que envolvem desde a resolução de conflitos e o controle de emoções à expressão de sentimentos nas relações interpessoais ao lidar com a diversidade e em situações de adversidades vividas (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT, 1999).

No contexto escolar, características psicológicas das crianças, bem como variáveis do contexto familiar, representam fatores que podem ora facilitar ou mesmo dificultar a realização de tarefas no período de transição. Também podem surgir situações de estresse pertencentes ao próprio cotidiano escolar nesse período. Portanto, é importante estarmos atentos às ações organizativas, estratégias e intervenções articuladoras, bem como aos exemplos de situações cotidianas vivenciáveis no processo de transição mencionadas anteriormente, que valorizam a colaboração entre família e escola, no sentido de promover o bem-estar da criança nesse período.

Como vimos, o ingresso da criança pequena na creche representa também uma adaptação ao novo contexto social que está sendo inserida, e que lhe apresenta possibilidades diversas de experimentação e interações, recheado de cores, aromas, texturas, sabores e sensações singulares! Por isso mesmo é possível e natural que nos deparemos com uma mistura de sentimentos, que envolvam sofrimento e alegria, marcado pela saída de mundo privado, antes mais vivenciado no seio familiar e a entrada na vida pública, representado pela sala de aula e espaço escolar, onde o convívio social se ampliará devagarinho.

É importante e necessário que a família acolha os sentimentos que surgem nesse período, compreendendo o que é expresso pelo filho frente ao novo tempo que se inicia (medo, resistência, irritação, choro, euforia, tristeza etc.). Ao mesmo tempo em que confere segurança à criança, a família também a estimula e desafia a enfrentar a rotina e as exigências que são propostas em cada nova etapa, seguindo as orientações do professor. Família e escola são, portanto, fontes poderosas de apoio, atuando em parceria. Nada de preocupações, angústias ou alegrias isoladas; é preciso compartilhar e colaborar mutuamente, cuidando e educando juntos!

A família tem uma contribuição essencial nos períodos de transição escolar, pois o envolvimento parental proporciona apoio ao desenvolvimento e à conquista gradativa de autonomia da criança no exercício de suas responsabilidades e na realização das tarefas escolares. O intercâmbio regular ou a comunicação sistemática com o professor, a participação em reuniões e eventos promovidos pela escola, o acompanhamento da rotina e



do desempenho escolar da criança são alguns exemplos de práticas parentais colaborativas, que promovem a ligação família-escola, de acordo com Marturano (2013). O acompanhamento familiar deve acontecer diariamente, mediante a realização de ações, como a providência ou envio dos materiais necessários para a produção das atividades e tarefas solicitadas, a monitoria e cumprimento dos horários combinados, perguntas sobre as vivências na escola, partilha de sentimentos e dúvidas e assim por diante.

Acompanhar a rotina escolar dos filhos, com proximidade, diálogos e interações significativas é essencial para vivência desse processo. Assim, cada período de transição escolar se reveste de permanências e deslocamentos, e deve ser entendido como um processo de colaboração, em que há a necessidade de valorização do potencial adaptativo acumulado ao longo do tempo, da continuidade de atividades pedagógicas, a integração entre famílias e professores e a participação ativa das crianças, fatores esses que se fazem determinantes para que o processo de transição aconteça efetiva e eficientemente. Então, juntos, vamos reconhecer a sua existência e necessidade, entender, acolher e intervir com alegria, cuidado e respeito!






Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal
da Educação

REFERÊNCIAS

BRASIL. CNE/CEB. **Resolução nº 05, de 07 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

BRASIL. CNE/CEB. **Resolução nº 04, de 13 de junho de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

BRASIL. CNE/CEB. **Resolução nº 07, de 14 de dezembro de 2010.** Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

BRASIL. **Ampliação do ensino fundamental para nove anos:** Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BONDIOLI, A. e MANTOVANI S. (orgs.). Manual de **educação infantil de 0 a 3 anos:** uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DANTAS, H. Entender para atender: o educador poliglota. Disponível em <xa.yimg.com/kq/groups/32960205/2023661667/name/HeloisaDantaspalestra1.doc> acessado em 7 de novembro de 2016.

FORTALEZA. **Proposta Curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza.** Secretaria Municipal da Educação, 2016.

LIMA, Izabel Maciel Monteiro. As experiências educacionais no contexto da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental numa escola municipal de Fortaleza na perspectiva dos diversos segmentos da comunidade escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MARTURANO, E. M. **A criança, a família, a escola e a transição para o ensino fundamental.** In: Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: uma visão transdisciplinar. KONKIEWITZ, E. C. (Org.). Dourados: Editora UFGD, 2013. Disponível em <http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=2264>, acessado em 22/02/2017.

MEC/SEF/DPEF/COEDI. **Proposta pedagógica e currículo em educação infantil:** um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise/Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento da Política de Educação Fundamental. Coordenação-Geral de Educação Infantil. Brasília, 1996.

MEC/SEB/UFRS. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil.** Práticas cotidianas na Educação Infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, 2009

ROSSETI-FERREIRA, C. (et al). **Os fazeres na Educação Infantil.** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

STASIAK, G. R. **Transição ao primeiro ano do ensino fundamental:** percepção do

estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar. Dissertação de mestrado UFPR, Curitiba: 2010.

WAGNER, A., RIBEIRO, L. S., ARTECHE, A. X. & BORNHOLDT, E. A. **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12(1) p.147- 156, 1999.

ZABALZA, M. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.






**Prefeitura de
Fortaleza**
Cidade da Alegria


**Prefeitura de
Fortaleza**
Cidade da Alegria


**Prefeitura de
Fortaleza**
Cidade da Alegria





**Prefeitura de
Fortaleza**

Secretaria Municipal
da Educação

ISBN 978-85-62895-08-1



9 788562 895081